

6. ATIVIDADE DIDÁTICA

- 6.1 Minha atividade didática começou relativamente cedo.
- 6.1.1 Durante os dois últimos anos do curso pré-teológico (Curso Universitário José Manuel da Conceição), fui encarregado das aulas de Língua e Literatura Portuguesa de um curso de preparatórios de dois anos, ali instalado, (1933-34) e de História Geral em 1934).
- 6.1.2 Num Ginásio de Campinas, durante os meus dois últimos anos de Seminário, ensinei Língua e Literatura Portuguesa (1936-1937).
- 6.1.3 No Instituto J. M. C., lecionei Grego e Filosofia em 1944-45, e mais tarde em 1964.
- 6.1.4 Durante os anos de 1956-1961 e de 1964 a 1973, ensinei Filosofia, Psicologia e História e também Estudos Sociais no Colégio Mackenzie e, na primeira parte desse período, Psicologia e Sociologia na Escola Normal do Instituto Mackenzie.
- 6.1.5 Em 1961-62, ensinei História no Colégio Estadual Dr. Otávio Mendes e Filosofia no Colégio São Paulo de Piratininga.
- 6.2.1 Durante o período de minhas pesquisas na Universidade de Salamanca, na Espanha (1962-1963) ministrei cursos de Lógica, Ética e História do Pensamento Teológico Contemporâneo no Seminário Presbiteriana de Carcavelos, em Portugal.
- 6.2.2 Em 1964, ensinei Grego no Instituto José Manuel da Conceição e no Seminário da Igreja Episcopal, em Santo Amaro, substituindo o professor em férias sabáticas nos EE. UU.
- 6.2.3 Em 1965, ministrei um curso de Filosofia no Seminário da Igreja Metodista do Brasil.
- 6.2.4 De 1965 a 1968 lecionei Filosofia e História da Educação na Universidade Mackenzie (Fac. de Filosofia) e fui examinador de Lógica nos vestibulares da Faculdade de Direito da mesma Universidade.
- 6.2.5 Em 1966 a 1967, ensinei História Antiga e Medieval, na Faculdade de Filosofia da Fundação Valparaíso de Ensino, em São José dos Campos.
- 6.2.6 Mediante concurso de Títulos, tornei-me professor de História da Filosofia da Faculdade de Filosofia de Assis (1969-1974).
- 6.2.7 Ingressei no quadro de professores da Universidade de São Paulo, como contratado, em 1964, colaborando no ensino

da História Medieval e encarregando-me da História das Religiões e, a partir de 1978, também História da Universidade Medieval, compromisso que termina compulsoriamente no começo de Abril do corrente ano!

6.3 Cursos de Pós-Graduação

6.3.1 A partir de 1973, ministrei cursos de Pós-Graduação sobre:

- História do Povo Hebreu no Período dos Juizes (Séc. XII A.C.)
- História da Formação do Canon Hebraico da Bíblia Sagrada.

6.3.2 - Orientação de candidatos ao mestrado e ao doutorado:

- Mestrado:

6.3.2.1 - Profª Ruth Leftel (São Paulo)

Dissertação sobre: "A Conquista de Canaã e sua colonização nos Sécs. XIII-XII A.C."

6.3.2.2 - Profª Luci Gatti Pietrocolla (São Paulo)

Dissertação sobre: "Os Mormons no contexto paulista: uma contribuição à História das Religiões no Brasil."

6.3.2.3 - Prof. Pe. José Carlos de Araujo (Uberlândia)

Dissertação sobre: "A mentalidade do Episcopado Brasileiro no começo da República (1890-1922)".

6.3.2.4 - Profª Ana Maria Ferrera Sanchez Beato (São Paulo)

Dissertação sobre: "Os moçárabes, elemento de transmissão de cultura árabe nos reinos cristãos da Península Ibérica no momento da "Re poblaci3n". (Título provis3rio)

Doutorado:

6.3.2.5 - Rev. Prof. Samuel Martins Barbosa (São Paulo)

Tese: "A Miss3o Evang3lica entre os Caiu3s: aspectos positivos e negativos de uma obra mission3ria."

6.3.2.6 - Profª Margarida Amyr Silva

Tese: "Santa Tereza de 3vila e a Reforma Religiosa."

- 6.3.2.7 Profª Elda Terozinha Coelho Zan (Franca)
Tema: "O Ideário Político da Independência à luz
dos Folhetos Políticos publicados no Rio
de Janeiro em 1822 e 1823."
- 6.3.2.8 - Profª Marly Geralda Teixeira (Salvador, Ba)
Tese: "Nós, Batistas..." Estudo sobre a mentali-
dade dos batistas da Bahia."
- 6.3.2.9 - Prof. Jaci Correia Maraschin
Tese: "História da Editoração protestante no
Brasil."
- 6.3.2.10 - Prof. Theophilo Carnier
Tese: "Os Huguenotes do Brasil."
- 6.3.2.11 Prof. Prócoro Valasques Filho
Tese: "O Pensamento Sócio-Político do Protestan-
tismo no Brasil, na Década de 1960."

7. ATIVIDADE PROFISSIONAL

7.1

A palavra "profissional" aqui empregada sugere-me a conveniência de um esclarecimento sobre um ponto muito importante no que se refere ao meu caso particular.

Quando jovem, como já contei, desisti de um emprego que diziam "de futuro", no qual poderia vir facilmente a alcançar sucesso econômico. A causa da decisão / foi religiosa, porque eu me sentia chamado por Deus para ser ministro do Evangelho. Pareceria, portanto, agora, que, desde quando deixei o pastorado ativo para dedicar-me mais ao magistério, teria passado pela experiência de uma segunda vocação, ou, talvez, a primeira fora apenas uma lamentável equívoco.

Com o passar do tempo, à medida que a minha atividade se dilatava para fora das paredes do templo e do / gabinete pastoral houve quem entendesse e talvez ainda agora essa impressão persista em certas áreas eclesiais e, até, quem sabe, nos próprios meios universitários, que ao dedicar-me ao magistério, tenha exorbitado da esfera do "meu" ministério. Em outras palavras, eu esquecia-me da minha vocação, e abandonava-a a fim de dedicar-me a uma profissão.

7.1.1

Julgo importante esclarecer esse ponto. Sempre me preocupei com a necessidade de distinguir entre termos. Aprende-se uma profissão, um ofício. Sente-se, ouve-se, uma vocação, um chamado. Qualquer trabalho de natureza profissional, seja ele "nobre" como o magistério, ou "humilde", como o do operário, pode ser aceito e exercido não apenas de maneira responsável, mas até mesmo como uma forma de "chamado", de uma vocação.

7.1.2

No caso presente — o meu caso — não se trata absolutamente de dois chamados. A vocação é a mesma. A esfera de ação é que mudou.

São pertinentes as palavras do apóstolo Paulo, na carta aos Efésios: "Exorto-vos.....a andardes de modo digno da vocação com que fostes chamados...." e "...é uma só a esperança de vocação com que fostes chamados..." "Mas a cada um de nós foi dada a graça pela medida do dom de Cristo..." E logo a seguir São Paulo menciona vários dons em que uma mesma e única vocação se manifesta no "ministério para a edificação do corpo de Cristo" como, entre ou-

uma responsabilidades, na de "pastores e mestres". (Ef. 4, 1.4.7.11.12, segundo a tradução do Prof. Isaac N. Salum para a Bíblia de Jerusalém.)

7.1.2.1

Fui definitivamente chamado para servir, não importava onde, para servir em nome de Deus, primeiro no pastorado, depois no magistério, e, em alguns momentos, simultaneamente num e noutro campo. Fui chamado, e procurei obedecer a Deus, tanto na Igreja, ensinando o Evangelho, como na Universidade, "ministrando" uma particular disciplina / humanística. Tanto num como noutro campo, servindo ao mesmo Deus, o qual, segundo o apóstolo Paulo, pôs, na Igreja, uns apóstolos, outros, profetas, outros, doutores, outros com dons de curar, outros lingüistas ou intérpretes, etc. (1 Cor. 12,28ss; 2 Cor 11,23ss). Em todos os casos, "ministros".

7.1.2.2

"Cada um fique na vocação em que foi chamado", diz São Paulo aos Coríntios (1 Cor 7,20), e Karl Barth comenta: "Personne n'a de vocation que la sienne propre. Mais voici que sa vocation divine, en laquelle l'homme doit demeurer, à laquelle il doit rester fidèle mais aussi devenir toujours à nouveau fidèle, pourrait signifier qu'il lui faut peut-être un jour changer de champ d'action et en trouver un autre ailleurs. C'est la vocation, la Parole de Dieu, qui sont durables, et non pas la profession, et non pas donc le champ d'action dans lequel le commandement de Dieu a conduit l'homme, un jour, et où il veut le régir: ce champ d'action ne reste le sien qu'aussi longtemps que la vocation de Dieu le lui assigne, que dans la mesure où il se trouve lié à lui par elle, où, par elle, il est tenu d'y être." K. Barth, Dogmatique, III.iv.2 (vol. XVI da ed. francesa, pág. 355).

7.1.3

O ministério é um serviço que, em nome de Deus, se presta aos homens e à sociedade, em contextos diferentes embora.

A palavra ministério e seus cognatos, na acepção que nos diz respeito, entrou no vocabulário da nossa língua graças à tradução da Bíblia para o Latim, pela Vulgata de São Jerônimo. Onde no Hebraico se lia (Shareth), ou (Ebed), e no Grego (Diáconos), (Yperétes), ou (Leitourgós), São Jerônimo dizia sempre minister. Todas essas palavras, tanto no Antigo como no Novo Testamento, têm o mesmo significado, com a idéia básica de servir.

7.1.4

Um chamado para servir é uma coisa muito diferente de um contrato para exercer uma profissão. Pode-se servir sem vínculos empregatícios ou profissionais. E pode-se ser profissional sem espírito de serviço. Em virtude de todos esses fatos, cada vez que tenho de preencher formulários que perguntam qual a profissão que exerço, (em passaportes, por exemplo), sinto no íntimo, ao responder, uma de agradável sensação. Sou ministro do Evangelho por profissão? Considero o magistério simplesmente uma profissão? E vem-me, agora mesmo, à mente o que disse João Calvino a propósito: "Aussi longtemps qu'un homme ne s'est pas rangé à la vocation que Dieu lui adresse, son travail n'est qu'une vaine agitation. Toute notre vie est inutile, et... à bon droit nous sommes blâmés d'oisiveté, jusqu'à ce que nous venions à dresser notre vie selon le commandement de Dieu et sa vocation. Dont s'ensuit que tous ceux que entreprennent témérairement d'exercer quelque état, et n'attendent point le vouloir de Dieu, ni qu'il les appelle, ne font rien en se démenant beaucoup, e se donnant de la peine." (Com. a São Mateus, sobre 20,1) apud André Bieler, La Pensée économique et sociale de Calvin, pag. 404)

"Deus não me chamou para prestar serviços a mim / mesmo, mas para servir ao meu próximo". (Cf. Emil Brunner, The Divine Imperative, 188 ss).

Não posso, a propósito, furtar-me à oportunidade de uma citação que extraio de um importante documento da Igreja Reformada da França, publicado em 1963: "... le mobile de toute action chrétienne et de toute intervention de l'Église dans le domaine politique et social ne pourra être que la reconnaissance envers Dieu. Le sérieux de notre reconnaissance envers Dieu doit être attesté par la qualité de notre service à l'égard des hommes." (Bulletin de l'Église Réformée de France, apud A. Coutrot et F. Dreyfus, Les Forces Religieuses dans la Société Française, A. Colin (Coll. U), 1965, pag. 308).

7.1.5

O que me é pedido neste ponto do Memorial diz respeito, segundo entendo, ao exercício profissional do meu / magistério. A atividade didática deve referir-se ao conteúdo da matéria ministrada, e a atividade profissional ao modo como tenho realizado o meu trabalho, i.é., a minha profissão. A resposta está implícita no que escrevi acima,

porém, talvez deva justificar essa concepção do sentido da minha responsabilidade profissional. Dizia Kierkegaard que quando o homem tem uma vocação, a norma que deve orientá-lo está fora dele e, sem transformá-lo num escravo, aponta-lhe o que deve fazer e, se porventura não fica satisfeito com o resultado do seu desempenho, procurará ser mais bem sucedido na oportunidade seguinte. (Ou bien... Ou bien... Gallimard, pag. 564.)

Com esse objetivo, jamais visei ao "lucro" ou a qualquer "recompensa" material, coerentemente com o meu / ponto de vista desde há mais de 50 anos adotado, que procurei exprimir nos parágrafos anteriores. Honestamente: No lugar do Rubião do Quincas Borba, não estaria tão feliz / porque "há um ano era professor e agora capitalista"... / Lembro-me, a propósito, do que Ernest Cassirer conta no seu belo livro sobre E. Kant a respeito da atitude do filósofo em face dessa questão, a saber: apesar da absoluta pobreza do autor da Crítica da Razão Pura, jamais teve por objetivo o resultado econômico do seu trabalho, abolindo da sua mente, desde cedo, qualquer idéia de "estudar para ganhar dinheiro".

Lutero também costumava dizer, a propósito do caráter sagrado do exercício de qualquer atividade profissional, que o sapateiro deve consertar os sapatos do Papa com a mesma unção religiosa com que o Papa roga a Deus pela alma do sapateiro... (Cit. por Arnold S. Nash, The University and the Modern World. An Essay on the Philosophy of University Education. Macmillan, 1944, pag. 72.)

7.2.1.

Ao fazer estes comentários, vem-me à mente, o que escreveu Georges Gusdorf no seu belo livro Pourquoi des Professeurs? sobre o fato de que do professor se exige / que não se restrinja a apresentar-se como homem de um determinado saber mas como testemunha da verdade e afirmador de valores, e também sobre o fato de que o sistema geralmente adotado pelos programas educacionais são desumanos porque ignoram a necessidade da educação da alma. "Cada professor tenta realizar a sua missão segundo a medida da sua consciência profissional. Os programas fixam as tarefas respectivas: pensaram em tudo, menos no essencial." E lembra ainda o autor da Les Sciences Humaines et La Pensée Occidentale que o objetivo fundamental da educação é a

formação da personalidade, a qual recai sobre as atitudes fundamentais do homem em face do mundo e de si próprio, e nada tem que ver com conhecimentos intelectuais ou memorizados, mas sim com opções morais e seleção de valores.

7.2.2

Muito antes de aquele magnífico livro ter sido / publicado (Payot, 1963), vinha eu já procurando, dentro das minhas grandes limitações, alcançar esse objetivo, desde o início do meu magistério, mesmo quando ainda estudante, na década de 30. Não me pertence nenhuma virtude a esse respeito. Devo-o a meus pais e a alguns dos mestres que tive, entre os quais destaco o nome do Dr. William A. Waddell, a quem já me referi neste Memorial. Esse notável educador / foi para mim não só o professor de cultura universal invejável, mas sobretudo o mestre, uma espécie de Sócrates com o seu bordão impedindo que o jovem Xenofonte prosseguisse o seu caminho por sua conta.

7.2.3

Nos sete anos em que fui capelão e diretor do Departamento Cultural do Instituto Mackenzie, tive, naturalmente, maior possibilidade de pôr em prática as minhas idéias sobre educação, em virtude das facilidades que me eram oferecidas pelos cargos que ocupava na instituição. Não só organizei a orquestra da qual o Maestro Eleazar de Carvalho aceitou ser o presidente de honra, e fundei um teatro no qual até Molière e Gil Vicente foram encenados, mas promovi conferências, entre as quais uma do Prof. Fernando de Azevedo sobre a especificidade da obra educacional do Mackenzie e outra de Jean Paul Sartre, esta última como membro que eu era da Diretoria da Sociedade de Estudos Filosóficos. Promovi ainda debates sobre questões de filosofia, de arte, etc. Organizei uma exposição de pintura abstrata acompanhada de conferências pelos próprios pintores Flexor e Jacques Douchez (iniciativa que provocou um processo contra mim intentado pelo ultra-conservador Diretor da Faculdade de Arquitetura, com base no fato de que eu introduzia no "campus" sagrado uma "arte diabólica"), e outras iniciativas, entre as quais uma viagem cultural à Europa com mais de 80 estudantes.

7.3.1

Com esta tradição no meu modo de trabalhar, foi que vim ter à Universidade de São Paulo, minha Alma Mater, na qual, obviamente, a minha responsabilidade se limitava à execução de um programa determinado, como auxiliar de en

aino a princípio até chegar à condição de Doutor, na qual ainda me encontro.

7.3.2

Contudo, essa limitação funcional não me impedia de, sem quebra dos meus compromissos contratuais, sem infringir disposições legais, realizar um magistério de caráter ministerial e não simplesmente profissional. Eu contemplava aqueles estudantes do primeiro ano, na maioria jovens assustados com a atmosfera que os envolvia, e sentindo, muitos deles, o despreparo para enfrentar o curso. Procurei, principalmente depois de ingressar no RDIDP, facilitar o contacto pessoal e individual com os alunos.

Colocava-me no lugar deles, lembrando-me do meu tempo de moço, lutando como eles agora lutam. Via-os, a muitos deles, talvez a maioria, vindo do trabalho para estudar à noite, ou saindo às pressas da sala de aula no final da tarde para chegar à tempo ao local de serviço./ Via-os também amedrontados, despreparados para se esquivarem de "colegas" veteranos que pretendiam aliciá-los / para atividades e movimentos conflitantes com os seus básicos interesses de estudantes que queriam preocupar-se antes de tudo em não perder tempo e em cumprir calma e seriamente os seus deveres e compromissos universitários. Via muitos deles cheios de prejuízos de má formação intelectual, fruto, em parte, de ambientes pouco estimulantes para as coisas do espírito e, também, por serem vítimas de defeituosos sistemas pedagógicos. A tudo isso, o meu ministério estava atento. Sentia no fundo da minha consciência que faltaria ao cumprimento do meu dever de mestre se me limitasse a dar aulas, a apreciar e criticar seminários, fichamentos e trabalhos escritos. Como estava certo Alain, o qual, segundo o testemunho de Georges Gusdorf, dizia que os seus alunos não eram para ele simples discípulos, mas seres humanos!

A decisão que tomei de manifestar interesse pelo estudante individualmente trouxe-me a recompensa que esperava, que foi a compreensão e a amizade da maioria dos alunos que tive ao longo destes anos vividos no Departamento de História. É verdade que passei por alguns dissabores, em virtude da reação de alguns profissionais da desordem, os quais pretenderam inutilmente dobrar-me e obrigar-me a desistir dos meus propósitos.

- 7.4 É com certo constrangimento que passo a mencionar algumas das minhas atitudes e procedimentos em relação ao que acima ficou exposto, tendo em conta que, como decorrência da minha maneira de entender o exercício do magistério, este não poderia limitar-se ao estrito cumprimento dos deveres "profissionais". Certamente alguns dos pontos a que passo a aludir se classificam nessa categoria, mas creio que a maioria, não.
- 7.4.1 Procurei ajudar na tradução de textos para estudo, às vezes, no ato da distribuição das cópias, outras no dia da apresentação do seminário, corrigindo a tradução / preparada pelo grupo.
- 7.4.2 Cada semana, acompanhava um ou mais alunos, à nossa Biblioteca, individualmente ou em grupos, ajudando-os a encontrar obras de valor e a localizar e a ajudar a traduzir artigos de Enciclopédias.
- 7.4.3 Em classe, ou na minha sala, estava sempre pronto a animar os que perdiam a coragem, orientando-os na solução dos problemas, sugerindo métodos de trabalho intelectual quanto à sua organização, ao aproveitamento do tempo, a sistemas de fichamento, estimulando o gosto pela leitura de bons autores com vista ao bom, ou pelo menos / razoável conhecimento da língua materna, e sublinhando a importância do conhecimento de línguas estrangeiras, principalmente o Inglês e o Francês, conseguindo que alguns se matriculassem em cursos especializados.
- 7.4.4 Sobretudo, tenho procurado sempre chamar a atenção para questões de ordem ética, em particular no que concerne à honestidade intelectual e à importância dos valores morais e espirituais da vida.
- 7.4.5 Valendo-me dos meus contactos com a História da Filosofia e com a Lógica, muitas vezes aludi a questões / de método, critérios de pensamento e de atividade intelectual e moral.
- 7.4.6 Sublinhei a importância do esforço pessoal na conquista do conhecimento e na busca da verdade, fazendo campanha sistemática contra o recurso ao comércio e indústria dos preparadores de trabalhos de classe.
- 7.4.7 Procurei aconselhar sobre hábitos de estudo.

- 7.4.8 Inquiri a leitura de obras clássicas da literatura universal que nenhuma pessoa culta pode ignorar, a começar pela Bíblia Sagrada, em boa tradução.
- 7.4.9 Andei dando umas injeções de entusiasmo, otimismo, coragem e orientação quanto a critérios de ordem ética.
- 7.4.10 Procurei despertar e aguçar o espírito crítico / dos jovens a fim de serem capazes de agir com independência e bom discernimento, tornando-se aptos a assumir responsabilmente as atitudes que a própria consciência esclarecida impõe.